

O APEQUENAMENTO DO HOMEM MODERNO: MELANCOLIA, ANGÚSTIA E NILISMO EM GRACILIANO RAMOS

Mauro Leal (UFPA)¹

Resumo: O temor diante do nada situa o homem em um estado de indagação que, não raro, deixam-no insatisfeito com respostas de cunho metafísico: Deus, paraíso, alma, dentre outros conceitos, não apaziguam no homem a angústia mediante a envergadura opressora da realidade, a saber, que o homem é transitório e que o seu vigorar no mundo é efêmero. É este homem melancólico e imerso no nada que Graciliano Ramos irá apresentar em diversas de suas obras. No presente trabalho, abordar-se-á na obra *Angústia* a presença do indivíduo imerso em melancolia e sua condição de niilista. Publicada em 1936, *Angústia*, de Graciliano Ramos, traz em seu cerne a questão da angústia do homem diante de si mesmo, do mundo que o rodeia e do nada.

Palavras-chave: Homem moderno; niilismo; angústia; melancolia.

Introdução

A morte de Deus observada por Nietzsche delimita, na modernidade, um sintoma social que marca profundamente a existência do homem: a sua imersão em um mundo sem convicções, sem certezas, sem uma fundamentação metafísica na qual agarrar-se tal como uma tábua de salvação. O fim da crença em um ser superior, onipotente, para o qual não existe presente, passado e futuro, posiciona o homem em um ângulo de insatisfação, medo e angústia. O paraíso edênico, o conforto além vida dos sofrendores e humilhados, não mais se faz consistente. O real se apresenta mais cruel do que nunca aos olhos deste homem solitário e fragilizado. Este reconhece sua limitada temporalidade no mundo, pois a alma configurou-se como um argumento infundado à mais, sem bases sólidas. As respostas reconfortantes, apaziguadoras e anestésicas já não fazem mais o efeito de antes, o que há de fato é transitoriedade, é efemeridade da cultura, da política, da crença em seres superiores regentes do mundo. A realidade é mais opressora, efeito este potencializado em um indivíduo que sempre se acreditou superior e protegido.

Em sua obra denominada *Gaia Ciência*, Nietzsche aponta de forma sintomática a morte de Deus:

Não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: Procuvo Deus! Procuvo Deus! -E como lá se encontrassem muitos daqueles que não

¹ Graduado em Letras (IFPA) e Filosofia (UFPA), Mestre em Estudos Literários (UFPA), Doutorando em Letras pelo PPGL – UFPA. Bolsista CAPES. E-mail: mauro11leal2@gmail.com

criam em Deus, ele despertou com isso uma enorme gargalhada... Para onde foi Deus?...já lhes direi! Nós o matamos – você e eu. Somos todos assassinos! Mas como fizemos isso? ... Não ouvimos o barulho dos covéis a enterrar Deus?... Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! Como nos consolar, a nós assassinos entre os assassinos? O mais forte e mais sagrado que o mundo até então possuía sangrou inteiro sob os nossos punhais – quem nos limpará este sangue? (NIETZSCHE, 2001, p. 64-65).

O referido filósofo apresenta diversas constatações que se apresentam duras aos ouvidos do homem moderno: se Deus está morto e há uma espécie de assassino, tal tarefa cabe ao homem. E como se mata uma divindade? Ignorando-a, fazendo dos seus preceitos meras palavras ditas ou escritas, descrendo dos seus valores, pois a ciência e a técnica se mostraram mais eficientes e palpáveis, menos caóticos e absurdos. Mas até estas não se mostraram fortes o suficiente para apaziguar no homem o seu desejo íntimo de conforto, de comodidade, de fé em um mundo justo e igualitário.

O próprio homem matou Deus e não encontrou para si, apesar dos seus esforços, um substituto a altura. Restou, portanto, o vazio, o nada dentro deste homem que em tudo descrê e cuja existência adquiriu tonalidades cinzentas e contornos angustiantes, pois o sustentáculo de todas as certezas ditas imutáveis, ou seja, alma, paraíso, inferno, infinito, ruiu, inclusive na própria filosofia, como afirma Foucault no seu estudo sobre o pensamento de Nietzsche:

O que assegurava ao conhecimento o poder de conhecer bem as coisas do mundo e de não ser indefinidamente erro, ilusão, arbitrariedade? O que garantia isso na filosofia ocidental, senão Deus? Deus, certamente, desde Descartes, para ir mais além, e ainda mesmo em Kant, é esse princípio que assegura haver uma harmonia entre o conhecimento e as coisas a conhecer (FOUCAULT, 2002, p.18-19).

Não há mais, com a morte de Deus, certeza alguma. Com a morte da divindade maior e sem uma reposição adequada, o homem é lançado ao estado niilista, o qual pode ser representado pelo nada no seu sentido mais amplo: “Desde Copérnico o homem parece ter caído em um plano inclinado – ele rola, cada vez mais veloz, para longe do centro – para onde? Rumo ao nada? Ao “lancinante sentimento do nada?” (NIETZSCHE, 1987, p.176).

O indivíduo niilista, portanto, se apresenta como aquele que nega a vida por não encontrar nesta uma representação que indique uma finalidade, um caminho a seguir por ser o ideal, o correto. Há uma depreciação da vida e o enfraquecimento das forças ativas que norteiam a existência humana. Incapaz de reagir, o homem niilista vê-se inserido em um espiral de insuficiência e decadência.

Desvalorizada, a vida torna-se nada, pois o homem, sem um norte, sente-se incapaz de pensar por si mesmo, uma vez que sua existência fora direcionada por séculos para acreditar que forças superiores regiam sua vida. Uma vez reconhecido em seu estado de solidão e abandono, o homem deveria voltar-se para si, mas gerações sobre gerações situando o homem, o corpo, o físico, o real como impuro, pecaminosos e imperfeitos, criaram em tal indivíduo um distanciamento daquilo que é sólido, corpóreo, concreto, restando a sintomática angústia, o sufocante vazio e a desesperadora melancolia.

Sem alguém que explique para si as coisas, resta ao homem pensar por si mesmo, processo este inicial e sem previsão imediata de sucesso. O que há de fato como resultado da morte de deus e a presença do niilismo, é o homem em desespero, sufocado, tristonho, incapaz, prisioneiro de uma existência cada vez mais opressora e nostálgica. O ontem aparentemente é melhor do que o hoje, o amanhã nada trará de novo e toda nova tentativa é um desejo de frustração. Assim pensa o melancólico, assim apresenta Graciliano Ramos, em *Angústia*, o seu protótipo do apequenamento do homem moderno na figura de Luís da Silva.

Vida monótona e estúpida: a voz melancólica de Luís da Silva

Aquele que interroga a si mesmo. Assim pode ser definido Luís da Silva, personagem central da obra *Angústia*, de Graciliano Ramos, publicada em 1936. Mas não se pode observar neste auto interrogar-se uma espécie de crescimento, de busca de si, de elucidação de quem se é de fato. Luís da Silva é funcionário público de 35 anos. Escreve artigos sob encomenda com o intuito de aumentar sua renda. Sua vida é monótona e repetitiva, sem grandes atrativos, alia-se a isto o medo, o temor do outro, que afigura-se aos olhos do referido personagem como elementos por vezes ameaçadores:

Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-te qualquer coisa. Certos lugares que me davam prazer tornaram odiosos. Passo adiante de uma livraria, olho com desgosto as vitrinas, tenho a impressão de que se acham ali pessoas exibindo títulos e preços nos rostos, vendendo-se [...]. Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagrecem. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis (RAMOS, 1972, p. 19).

Logo de início, percebe-se que Luís da Silva apresenta uma postura apequenada, de um sujeito vencido e esmagado pela vida. O outro afigura-se ameaçador, opressor, situando Luis

da Silva na posição de vítima, de ofendido, observando-se uma postura resignada e ressentida, uma vez que o externo a si apresenta-se ameaçador, anulador das suas possibilidades e chances de ascensão em múltiplos sentidos, inclusive amoroso.

De fato, Luis da Silva é o protótipo do homem moderno, incapaz de reagir, uma vez que inserido em um sistema opressor e apequenador do homem, ao qual resta o trabalho excessivo e martirizante, sem possibilidades de crescimento ou enriquecimento, restando a resignação angustiante, o reclamar constante, o falar mal dos outros, a acusação constante para com os demais indivíduos, como se estes fossem responsáveis pelos fracassos existenciais de Luís da Silva, o qual, durante toda a obra, vê-se perseguido pela imagem do rato:

Penso em indivíduos e em objetos que não têm relação com os desenhos: processos, orçamentos, o diretor, o secretário, políticos, sujeito remediados que me desprezam porque sou um pobre diabo. Tipos bestas. Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando indecentes. Quando avisto essa cambada, encolho-me, colo-me às paredes como rato assustado. Como rato, exatamente (RAMOS, 1972, p. 9-10).

Mais adiante, expressa Luis da Silva:

Tenho a impressão de que estou cercado de inimigos, e como caminho devagar, noto que os outros têm demasiada pressa em pisar-me os pés e bater-me nos calcanhares. Quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e me entristeço. Quero recolher-me, afastar-me daqueles estranhos que não compreendo, ouvir o Currupaco, ler, escrever. A multidão é hostil e terrível (RAMOS, 1972, p.140).

Luis da Silva é o indivíduo que se isola, que se afasta deliberadamente por acreditar-se perseguido. A figura do rato, recorrente no romance, demonstra a inclinação do referido personagem para o isolamento, solidão, receio, medo diante do outro e do desconhecido, pois mais agradável e seguro é manter-se distante, recluso em sua toca, de onde observa a movimentação alheia, a progressão do outro, as disputas sociais, o enfrentamento cotidiano característico de uma sociedade movimentada pelo desejo incessante de possuir aquilo que é apresentado como essencial. Luis da Silva é o indivíduo niilista, ou seja, aquele que descrê de tudo e de todos, e por isso, como resultado desta postura negadora da vida, torna-se também um melancólico, dada a sua insuficiência em integrar-se à sociedade, sem os receios de ser confrontado por esta.

Na modernidade, o fluxo de mudanças constantes em variados setores da vida social tende a tornar as relações humanas desestabilizadas e frágeis, uma vez que as contínuas e

profundas mudanças sociais resultam também em uma espécie de fragmentação do eu e sua permanente busca por reconhecimento e aceitação, não apenas por parte de si, mas do outro. Debord (1997) argumenta sobre tal cenário a influência daquilo que se compreende por espetáculo na sociedade, bem como o consumismo exagerado, reforçado pelo desenvolvimento tecnológico e científico, que em um movimento paradoxal, aproximou e separou as pessoas.

Desse modo, o indivíduo passa a ter o seu valor expandido ou não somente por aquilo que ele possui ou aparenta ser. Tais alterações na forma de se relacionar, de trabalhar, de interagir, aliado à perda de determinados valores estabelecidos anteriormente como imutáveis, transformam o indivíduo em um ser cerceado por incertezas, temores, frustrações, não raro covarde, depressivo e melancólico.

Se associado ao pensamento de Freud (1969) em relação à melancolia, Luis da Silva pode ser considerado um melancólico, uma vez que o primeiro associa tal sentimento à questão do luto, ou seja, o profundo desejo de recuperar alguém que se foi. É antes uma perda pulsional que está intrinsecamente relacionada à libido.

O amor perdido, causa no indivíduo melancólico o desejo de retorno do objeto que não se encontra mais presente. Neste ponto, faz-se presente a questão da impossibilidade de ação, de movimentação, pois o retorno do outro se faz impossível, o que resulta em um estado de desânimo, de insuficiência que provoca no melancólico a inatividade, pois a busca por aquilo que se perdeu é desde o início dolorosa e infrutífera.

Assim apresenta-se Luis da Silva, que foi abandonado pela noiva, Marina, que por sua vez escolheu outro homem para se relacionar, Julião Tavares. A traição sofrida por Luis da Silva não deve ser compreendida como o ato responsável pelo efeito melancólico sobre o mesmo, uma vez que, como se percebe na obra, desde a infância o personagem é ignorado e esquecido:

Penso na morte do meu pai. Quando voltei da escola, ele estava estirado num marquesão, coberto por um lençol branco que lhe escondia o corpo até a cabeça [...]. Tentei chorar, mas não tinha vontade de chorar. Estava espantado, imaginando a vida que ia suportar, sozinho neste mundo. Sentia frio e pena de mim mesmo. a casa era dos outros, o defunto era dos outros. Eu estava ali como um bichinho abandonado [...]. Até a preta Quitéria se esquecera de mim. Ao passar pela cozinha, encontrei-a mexendo nas panelas e lastimando-se. Que iria fazer por aí à toa, miúdo, tão miúdo que ninguém me via? (RAMOS, 1972, p. 29-30).

A traição de Marina potencializou o sentimento de apequenamento de Luis da Silva, tornando-o ainda mais ressentido e melancólico, mas com o desejo de vingança pela ofensa sofrida:

Era evidente que Julião Tavares devia morrer. Não procurei investigar as razões desta necessidade. Ela se impunha, entrava-me na cabeça como um prego. Um prego me atravessava os miolos. É estúpido, mas eu tinha realmente a impressão de que um objeto agudo me penetrava a cabeça. Dor terrível, uma ideia que inutilizava as outras ideias. Julião Tavares devia morrer (Idem, p. 101).

Mais adiante, a ideia consolidada de assassinato de Julião:

Marina era instrumento e merecia compaixão. D. Adélia era instrumento e merecia compaixão. Julião era também instrumento, mas não tive pena dele. Senti foi o ódio que sempre me inspirou, agora aumentado. Necessário que ele morresse. Julião Tavares cortado em pedaços [...]. Julião Tavares morreria violentamente e sem derramar sangue. Em sonhos ou acordado, vi-o roxo, os olhos esbugalhados, a língua fora da boca (RAMOS, 1972, p. 151).

Tomado pelo sentimento de revanche, Luis da Silva assassina o rival, estrangulando-o para em seguida simular o suicídio de Julião. Contudo, o sentimento de amesquinamento e nulidade do narrador permanecem, bem como a sua melancolia e impotência:

O frio aumentava, comecei a bater os queixos como um caititu. Se alguém surgisse na estrada, eu não teria coragem de fugir. Haveria pessoas ali perto? Julguei perceber um ruído esquisito, mas provavelmente era apenas eco das pancadas dos meus dentes, que não descansavam. Tive a impressão de que meus dentes estavam longes, fazendo um barulho que se misturava ao zumbido irritante das carapanãs. Apertei os queixos, mas as castanholas permaneceram, e veio-me a certeza de que me havia tornado velho e impotente

- Inútil, tudo inútil (Idem, p. 204).

A constatação da inutilidade de todo seu esforço é também a reafirmação do seu sentimento de inferioridade e desespero diante do mundo. Luis da Silva é, conforme suas próprias palavras, “Um homem perdido” que a nada respeita. Perdido não apenas por causa da prática do assassinato, mas também por não conseguir achar-se nessa realidade, neste mundo no qual tanto ele quanto Julião eram “excrecências miseráveis”, sujeitos que “nunca viveram”.

Julião é uma espécie de espelho de Luis. Este não elimina apenas aquele, mas também a si mesmo, ambos imagens deformadas que se refletem mutuamente, conforme explicita

Candido: “Por isso é necessário matá-lo, esconjurar a projeção caricatural dos próprios desejos, que o reflete como um espelho deformante” (CANDIDO, 2006, p. 116).

A morte do outro não significou mudança, não assinalou uma reviravolta interior no personagem, pois Luis da Silva parece ter estabelecido com Julião um sentimento de dependência que marca o narrador de forma indelével, pois a imagem daquele o persegue tanto em vida quanto depois da sua morte.

À sua miséria existencial, soma-se o crime, que não o retirou de sua condição de miserável, de pobre diabo incapacitado para lidar com as frustrações e derrotas que o mundo a si impõem. Luis da Silva retorna para a sua toca e continua a observar o mundo como se dele não fizesse parte, mas estivesse situado à margem, sem forças suficientes para nele adentrar, condição esta apresentada no decorrer da narrativa e que assinala o seu estado niilista e melancólico: a descrença e si em todos e sua decadência.

Considerações finais

Luis da Silva é o indivíduo que busca desesperadamente, mas que não sabe o que busca, característica esta que assinala o seu espírito niilista, uma vez que as coisas e pessoas ao seu redor configuram-se enquanto elementos antagonizantes de si, visão egocêntrica, mas que reflete a insuficiência do homem moderno e contemporâneo em seus confrontos cotidianos e naturais, dada a natureza competitiva e excludente da sociedade.

E relevante frisar que Luis da Silva não é o personagem clássico, que após a imersão no desespero e na dor da traição sofrida, emerge renovado, com um novo olhar sobre a existência do homem. Luis da Silva é o homem comum, é o indivíduo que caminha na rua, sem expectativa e aprisionado em um sistema que busca controlá-lo e limitá-lo, doutrinando-o para torná-lo apenas mais uma peça na engrenagem social.

A angústia, o medo, a melancolia que o perseguem são reflexos de uma vida insuficiente e esvaziada. Luis da Silva não quer repassar nenhuma lição ou moral, não indica caminhos alternativos, apenas apresenta a realidade tal como ela é, caótica e nutrida de uma força que pode, dependendo do indivíduo, configurar-se como positiva ou negativa.

O personagem central de *Angústia* não é caracterizado como mau, nem muito menos bom. Ele é. E é isto que o torna tão plausível, tão angustiado e angustiante, pois ele reflete no leitor a própria temeridade deste em face das dificuldades, dos problemas e situações críticas

que não cessam de surgir. Enfrentar ou fugir? Lutar ou recuar? Luis da Silva apresenta sua resposta e afirma que ocultar-se entre os ratos é ainda uma solução como qualquer outra. Seu ódio contra o outro permanece.

A figura de Julião Tavares encerrava em si tudo aquilo que Luis abominava e classificava como opressor e desigual: a elite, o intelectualismo falso, a exploração dos fortes sobre os fracos. Luis da Silva toma partido dos oprimidos não por uma convicção ideológica, mas por ser ele mesmo um fraco, melancólico, incapaz de mudar, de alterar a si mesmo e esquecer.

Referências

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução Eduardo Jardim e Roberto Machado. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. (1915). ESB, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. *Genealogia da Moral*. III dissertação. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RAMOS, G. *Angústia*. 14 ed. São Paulo: Martins, 1972.